



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

RAQUEL PAULA DA SILVA

**ENTRE A IMAGEM DA DEUSA E DO DEUS VER-SE-Á A ORDEM DO DISCURSO
DA GRANDE RAINHA EM AS BRUMAS DE AVALON**

**GUARABIRA
2018**

RAQUEL PAULA DA SILVA

**ENTRE A IMAGEM DA DEUSA E DO DEUS VER-SE-Á A ORDEM DO DISCURSO
DA GRANDE RAINHA EM AS BRUMAS DE AVALON**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Letras habilitação em Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e
Imaginário.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2018**

S586e Silva, Raquel Paula da.
Entre a imagem da Deusa e do Deus ver-se-á a ordem do discurso da Grande Rainha em as Brumas de Avalon [manuscrito] : / Raquel Paula da Silva. - 2018.
36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Discurso. 2. Religião. 3. As Brumas de Avalon.

21. ed. CDD 801.95

RAQUEL PAULA DA SILVA

ENTRE A IMAGEM DA DEUSA E DO DEUS VER-SE-Á A ORDEM DO DISCURSO DA
GRANDE RAINHA EM AS BRUMAS DE AVALON

Monografia, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Aprovada em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico esta monografia a Deus por guiar meus pensamentos, pois ele é essencial em nossas vidas, e sem sua proteção e sua benção nada seria possível. Ao meu marido e minhas filhas, pela dedicação, companheirismo e amizade. E ao professor Rafael pela ajuda, incentivo e confiança depositados em mim. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado em todos os momentos da minha vida, me concedendo sabedoria e discernimento para enfrentar as dificuldades adivinhas da produção desta monografia;

Ao orientador Prof. Dr. Rafael Francisco Braz pelos momentos de suporte, dedicação e orientação. Serei eternamente grata a você, professor Rafael, pois sua ajuda e paciência me proporcionaram momentos de aprendizagem ímpar;

Ao meu esposo Genilson pela paciência e apoio nos momentos de desespero, dando-me forças para continuar;

As minhas filhas pela compreensão em minha ausência e falta de tempo, em determinadas situações cotidianas;

A minha mãe e meu pai pelo apoio, incentivo e compreensão;

A Isabelly e Amanda pelos momentos de dificuldades que compartilhamos juntas, apoiando umas às outras.

Aos colegas de sala pelos momentos de apoio e amizade;

A todos aqui mencionados meu muito obrigado.

“Chegará o momento, espero, em que todos aqueles que falsamente se dizem cristãos serão desmascarados como adoradores do diabo que realmente são.”

Marion Zimmer Bradley, 1989, p.40.

RESUMO

A literatura é uma manifestação artística que, ao longo dos tempos, registra as transformações culturais e históricas que ocorrem nas sociedades. Esta arte, está diretamente vinculada a linguagem e, por conseguinte, ligada à palavra, assim, seu principal objetivo, é refletir a imagem da sociedade, a partir da realidade, provocando a imitação do mundo exterior, por intermédio de histórias de ficção. Propomos nesta Monografia, como categoria temática, demonstrar o discurso religioso, utilizando como objeto de estudo, a personagem Gwenhwyfar, relacionando seu discurso aos mecanismos de exclusão internos e externos, sob a perspectiva foucaultiana. Para definirmos os pontos relativos a religião, que leva em consideração o momento histórico vivenciado na obra, utilizamos a perspectiva teórica de estudiosos como: Barros (1995), Campbell (1990), Eliade (1992) e Ribeiro (2005). Enquanto, para os aspectos discursivos, servimo-nos da contribuição de Foucault (1996), Maingueneau (2015) e Revel (2005). A análise mostrou que o discurso e o poder caminham lado a lado e estabelecem entre si uma relação intrínseca, uma vez que conseguem persuadir as pessoas. Ainda mais, podemos considerar que o desejo é a única forma de saciar o poder, uma vez que na análise discursiva abordada, a personagem Gwenhwyfar, consegue atingir seus objetivos, por intermédio de situações comunicativas altamente persuasivas.

Palavras-Chave: Discurso. Religião. *As Brumas de Avalon*.

RÉSUMÉ

La littérature est une manifestation artistique qui, avec le temps, enregistre les transformations culturelles et historiques qui ont lieu dans les sociétés. Cet art, directement lié au langage et donc lié au mot, a pour but principal de refléter l'image de la société, de la réalité, en provoquant l'imitation du monde extérieur à travers des histoires de fiction. Nous proposons dans cette monographie, en tant que catégorie thématique, de démontrer le discours religieux, en utilisant comme objet d'étude, le personnage de Gwenhwyfar, reliant son discours aux mécanismes d'exclusion interne et externe, de la perspective foucauldienne. Afin de définir les points liés à la religion, qui prend en compte le moment historique vécu dans le travail, nous utilisons la perspective théorique de chercheurs tels que Barros (1995), Campbell (1990), Eliade (1992) et Ribeiro (2005). Considérant que, pour les aspects discursifs, nous utilisons la contribution de Foucault (1996), Maingueneau (2015) et Revel (2005). L'analyse a montré que le discours et le pouvoir vont de pair et établissent une relation intrinsèque entre eux, puisqu'ils peuvent persuader les gens. De plus, nous pouvons considérer que le désir est la seule façon de rassasier le pouvoir, puisque dans l'analyse discursive adressée, le personnage de Gwenhwyfar, atteint ses objectifs, à travers des situations communicatives très persuasives.

Mots-clés: Discours. Religion Les brumes d'Avalon.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	NO IMAGINÁRIO POÉTICO DE MARION ZIMMER BRADLEY	10
3	MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO	14
3.1	<i>As personagens: As Brumas de Avalon</i>	16
4	GWENHWYFAR E SEUS DISCURSOS CONTROVERSOS	18
4.1	<i>Discurso religioso</i>	19
4.2	<i>Discurso no paganismo</i>	22
4.3	<i>Discurso no cristianismo</i>	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Literatura é uma manifestação artística que, ao longo dos tempos, registra as transformações culturais e históricas que ocorrem nas sociedades. Esta arte, está diretamente vinculada a linguagem e, por conseguinte, ligada à palavra, assim, seu principal objetivo, é refletir a imagem da sociedade, a partir da realidade, provocando a imitação do mundo exterior, por intermédio de histórias de ficção.

Por sua vez, o romance surgiu na Idade Média, originário dos contos épicos, valorizando a estrutura social e, buscando, por meio da ficção, entender o que acontece na sociedade, revelando uma maneira de posiciona-se com o mundo. Por outro lado, o romance medieval, revela a vivência cortês e o idealismo guerreiro, através de sentimentos e paixões, ademais, geralmente, seus enredos se centralizam nos ideais cristãos.

Diante do exposto, podemos afirmar que a literatura adquire bastante importância com o surgimento do romance, revelando de forma verossímil o poder da palavra e, conseqüentemente, o ato da comunicação através do discurso.

Todo discurso, pois é um conjunto de expressões linguísticas que está diretamente ligado tanto a linguagem escrita quanto a linguagem falada, obedecendo a um conjunto de regras e perpassando por distintos campos do saber. O discurso pode ser oral, escrito e/ou imagético, podendo ser definido como o uso da língua em seu contexto social, político, histórico, ideológico e cultural.

Em conformidade aos aspectos abordados anteriormente, podemos inferir que o discurso se estrutura, basicamente, em três pilares primordiais: ideológico, psicológico e linguístico. Todavia, os discursos são considerados individuais, uma vez que refletem a individualidade e a ideologia de seu falante considerando-se, principalmente, a intenção comunicativa de cada sujeito.

Desejo, vontade de verdade, conhecimento, controle, vigilância e poder são estruturas que constituem a produção do discurso de uma sociedade. Para tanto, esta sociedade, atua de forma excludente com relação a alguns discursos, restringindo e delimitando seu espaço de propagação e impondo os tabus.

Em suma, existem limites e regras para serem aplicadas a cada discurso, em um determinado momento, espaço e tempo da história, onde não é possível falar sobre tudo, uma vez que o detentor do poder, tem a capacidade de controlar e organizar o discurso que vai circular em uma determinada sociedade.

Em 1982, Bradley lança seu livro de maior sucesso, *“As Brumas de Avalon”*, recriando a lenda do rei Artur, sob uma perspectiva feminina, revelando emocionantes paixões e aventuras. Neste romance, a autora destaca o universo feminino, transformando as mulheres em verdadeiras heroínas. Vale lembrar, que uma das principais características da obra, é o conflito entre paganismo e cristianismo e, conseqüentemente, o apagamento da religião pagã, em detrimento ao renascimento da Deusa na figura da virgem.

Nessa linha de raciocínio e, a partir de um estudo analítico, da obra intitulada *“As Brumas de Avalon”*, nos propomos nesta Monografia de Conclusão de Curso, como categoria temática, demonstrar a contrariedade existente entre os discursos religiosos e pagãos, utilizando como objeto de estudo, a personagem Gwenhwyfar, relacionando seu discurso aos mecanismos de exclusão internos e externos, sob a perspectiva foucaultiana.

Na obra citada anteriormente, a Grande Rainha tem um papel fundamental na tentativa de imposição do cristianismo na Bretanha. É através de seu discurso, altamente persuasivo, que Gwenhwyfar convence seu marido, Artur, a abandonar a religião da Deusa e dedicar-se ao cristianismo. Fato este que resultou na decadência do reino da Bretanha e, por fim, na morte do seu Grande Rei.

Tendo em vista o que foi abordado anteriormente, podemos afirmar que, a obra de Marion proporcionou uma valorosa contribuição social, cultural e religiosa, visto que seu romance ganhou importante destaque no cenário literário. A escritora, utiliza sua poética para demonstrar o poder expresso pela materialidade discursiva de suas personagens ficcionais.

Diante deste contexto, fomos impulsionados a analisar o discurso de poder presente na personagem Gwenhwyfar, a Grande Rainha, cujas representações linguísticas possuem bastante relevância para o desenrolar do romance supracitado.

Partindo deste princípio, podemos especificar nossos objetivos como: a) descrever a biografia da autora Marion Zimmer Bradley; b) evidenciar o papel das religiões pagã e cristã na sociedade, comprovando a personificação da Deusa através da Virgem, assim como, apresentar algumas características relevantes para composição da personagem objeto de estudo desta pesquisa; c) analisar o discurso de poder da personagem Gwenhwyfar mediante seus discursos que, ora são categorizados como religiosos, ora são categorizados como pagãos.

Nessa perspectiva, conduzimos a presente pesquisa, buscando promover o senso crítico e analítico do sujeito enquanto ser social e histórico, tendo como princípio, o discurso de poder feminino, que vem ganhando força e representatividade com o passar dos anos. Esta pesquisa é de caráter quanti/qualitativa.

Para definirmos os pontos relativos a religião, que leva em consideração o momento histórico vivenciado na obra, utilizamos a perspectiva teórica de estudiosos como: Barros (1995), Campbell (1990), Eliade (1992) e Ribeiro (2005). Enquanto, para os aspectos discursivos, servimo-nos da contribuição de Foucault (1996), Maingueneau (2015) e Revel (2005).

Portanto, nesta pesquisa analítico-interpretativa, decidimos dividir nosso trabalho em três partes, assim, descritas:

No primeiro capítulo, intitulado – *No imaginário poético de Marion Zimmer Bradley* – expomos como a autora iniciou sua carreira literária, assim como, fazemos uma síntese de todo ciclo da história de Avalon;

No segundo capítulo, denominado – *A materialização do discurso* – apresentamos uma visão sobre a religião pagã centrada na figura da Deusa, mas, também expomos a religião da virgem de cunho cristã. Ainda mais, definimos as características inerentes a personagem Gwenhwyfar;

Concluimos com o terceiro capítulo, nomeado – *Gwenhwyfar e seus discursos controversos* - expondo em uma breve sessão o poder discursivo na sociedade e, discorrendo a análise do corpus deste Trabalho de Conclusão de Curso sob os aspectos religiosos e profanos dos discursos proferidos por Gwenhwyfar, a Grande Rainha. Por fim, nossas considerações finais e referências utilizadas na elaboração e produção desta pesquisa.

Nesta presente pesquisa, buscamos evidenciar o poder da palavra, exercido por meio do discurso. Propomo-nos, embasados nos mecanismos de exclusão internos e externos propostos pela teoria foucaultiana, analisar e interpretar como o discurso da Grande Rainha, atuava de forma dominante na obra objeto de estudo. Acrescenta-se ainda, que o romance de Bradley perpassou o campo da literatura, expandindo o campo ficcional, mas também, aproximando-o de uma realidade calcada nos ideais feministas. Desta forma, esperamos poder proporcionar uma humilde contribuição ao estudo da literatura, bem como, para a análise do discurso por intermédio do poder da materialidade linguística.

2 NO IMAGINÁRIO POÉTICO DE MARION ZIMMER BRADLEY

Marion Zimmer Bradley* nasceu em 1930 em Albany, Estados Unidos. Aos dezesseis anos ganhou uma máquina de escrever e, a partir daí começou a escrever suas primeiras histórias. Acrescenta-se, ainda que em uma viagem de trem, quando retornava para a casa de sua família, depois de um emprego de verão, com o dinheiro que havia ganho, Marion, compra uma revista chamada *The Dark World* (O mundo Sombrio) de Catherine Moore Kuttner. Era a primeira vez que ela utilizava seu próprio dinheiro para comprar uma revista de sua escolha.

Marion relata sua satisfação ao ler a novela que havia comprado, a qual modificou sua vida por completo, pois naquela viagem, ela teve oportunidade de ler outras obras de autores distintos, as quais despertaram na, então garota, o desejo de ser escritora.

Depois de terminar a novela de Kuttner, li alguns contos – lembro-me de “Planet of Black Dust”, de Jack Vance – e passei para as “Cartas dos Leitores”, no final. A grande emoção: havia outras pessoas que adoravam aquele tipo de histórias e estavam dispostas a falar sobre elas... até mesmo publicavam revistas sobre o assunto!

Ao concluir a viagem, eu já sabia não apenas que queria ser uma escritora, mas também que queria escrever ficção científica...” (BRADLEY, 1991, p. 8)

Além da autora demonstrar, claramente, sua preferência pela ficção científica, ela relata que se tornou, uma escritora, que destinavam um pouco de seu tempo para escrever cartas aos leitores de suas revistas. “*Publiquei revistas dedicadas aos fãs*” (BRADLEY, 1991, p. 8). Ainda mais, Marion preferia gastar dinheiro em comprar papéis e selos para responder aos seus fãs do que comprar roupas e acessórios para si mesma. Na verdade, isto lhe era mais útil do que se preocupar com futilidades de mulheres “dondocas”.

Desde de sua infância, a autora de *As Brumas de Avalon*, apreciava os livros, porém as dificuldades financeiras e as convenções sociais impostas no seio familiar, obrigavam Marion a viver dividida entre seu próprio prazer em ler bons livros e, a obrigação de se comportar como uma criança de sua idade.

Depois de uma infância desesperadamente solitária como uma apaixonada por livros entre uma garotinha interessada apenas em arremessar bolas de vários formatos e tamanhos, ou vestir saias curtas e ficar pulando ao redor e gritar “Ié – ié – ié” (uma atividade que, em minha opinião, ainda é a única atividade mais tola do que arremessar bolsas). (BRADLEY, 1991, p.8)

Casou-se, pela primeira vez, em 1949 com Robert Alden Bradley. A visão que Marion (1991, p. 8) possuía era que o casamento “*ainda é a única maneira de uma moça escapar de*

* Disponível em <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2008/02/14/marion-zimmer-bradley-1930-1999/>

uma situação doméstica crítica". Dito isto, podemos afirmar que, na realidade seu casamento aconteceu apenas para livrar-se da vida dura e difícil que ela tinha desde a infância. Na verdade, foi uma tentativa de melhorar sua condição financeira.

Em 1958, publicou seu primeiro romance, uma série *Darkover*, intitulada *The Planet Severs* (Os servidores dos Planetas). A escritora supracitada, relata que quando suas obras começaram a dar retorno financeiro, mesmo que pequeno, a primeira coisa que fez, foi comprar ingressos para a temporada da Ópera de San Francisco. Percebe-se, pelos seus relatos, intensos, que Marion era uma grande apreciadora de ópera, e que mesmo não tendo condições financeiras para estar em contato direto com essa arte, ela sempre arranjava uma maneira de se alimentar dessa cultura.

não havia nada para fazer, exceto ir à igreja ou escutar as partidas de futebol americano. Neste último caso, tenho mantido um registro perfeito: nunca assisti até hoje a nenhum jogo. Por outro lado, era uma ouvinte incansável das transmissões de rádio do Metropolitan Opera. A primeira coisa que fiz com o dinheiro que comecei a ganhar foi comprar ingressos para a temporada da Ópera em San Francisco... (BRADELY, 1991, p. 9)

Marion escrevia seus romances para uma editora de segunda classe chamada *Monarch Books*, onde ganhava muito pouco, além disso, escrevia sob pressão, pois tinha que cumprir prazos muitos pequenos para entregar suas produções. Vale salientar, que suas obras nesta editora eram assinadas com pseudônimos.

Todavia, os trabalhos para editora supracitada acima, conseguiram gerar alguns lucros e, conseqüentemente, financiar seu diploma de professora. Formou-se em 1964 pela Universidade de Hardin-Simmons no estado do Texas. Terminou sua pós-graduação em 1967 na Universidade da Califórnia em Berkeley.

Sua carreira foi impulsionada não apenas pelo prazer, mas também, pela possibilidade de lucro que suas obras poderiam proporcionar, uma vez que a própria autora afirma que produzir histórias longas é mais lucrativo, ainda mais, sua afinidade maior é na produção de novelas, ou seja, o conto nunca foi o seu forte.

Ao longo de quarenta anos de carreira como escritora, escrevi quarenta e tantos romances (uns tantos, como gosto de dizer, bastante insólitos) e muito menos contos, a grande maioria dos quais em súbitos impulsos - acordava com uma idéia, ajeitava um pouco o enredo, sentava e escrevia, num impulso mantido, sem parar até acabar. Como geralmente escrevo romances "sob contrato", os contos quase nunca são lucrativos. Escrevo um conto apenas se não consigo encontrar um meio de converter uma idéia (sic passim) num romance. (BRADLEY, 1991, p. 10)

Outro aspecto bastante relevante é que apesar de seu grande interesse em escrever ficção científica, Bradley (1991, p. 11), em alguns de seus trabalhos utilizava "os *Direitos dos Gays e os Direitos das Mulheres*" para servirem de inspiração na composição de suas obras.

Foi em 1982 que Marion alcançou grande sucesso quando publicou *As Brumas de Avalon*, que reconta a lenda arturiana sob a perspectiva feminina. A autora acredita que “*a Libertação Feminina é o grande acontecimento do Século XX, não a Exploração Espacial*” (Bradley, 1991, p.11) Cadê a referência Raquel?, pois faz-se necessário uma conscientização da humanidade sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, uma vez que o machismo ainda se faz tão presente nos dias atuais.

As Brumas de Avalon fizeram tanto sucesso, que se mantiveram no topo das vendas durante quatro meses, tornando-se um *best-seller*, sendo considerado o livro que levou a autora a ser conhecida e reconhecida no universo literário.

Acrescenta-se ainda, que o romance *As Brumas de Avalon* (1982) foi subdividido em quatro volumes: 1- *A Senhora da Magia*, 2- *A Grande Rainha*, 3- *O Gamo-rei*, 4- *O Prisioneiro da Árvore*. Nesta obra, Marion relata a lenda do rei Artur, de uma maneira diferente, pois ela dá destaque às personagens femininas, que na realidade são as peças fundamentais no enredo de toda essa trama literária.

Em *A Senhora da Magia*, podemos observar, nitidamente, o jogo de poder do feminino em detrimento ao masculino. Viviane, a Senhora do lago, tem um papel de destaque, pois é a partir de seu discurso de empoderamento, que os conflitos vão surgindo. Em outras palavras, é pelo poder discursivo, que Viviane induz todos os personagens envolvidos na estória, a concretizar seus planos para impedir que Avalon seja dizimada e apagada da memória do povo da Bretanha.

A Grande Rainha, *corpus* de nossa pesquisa, retrata desde o nascimento do filho de Morgana e Artur, até o momento em que Artur dá permissão para que Gwenthwyfar e Lancelote passassem uma noite juntos, acreditando que dessa maneira, a rainha possa engravidar e, por conseguinte, ter um sucessor para o trono de Artur. Nesta obra, é bastante perceptível o grande poder discursivo de Gwenthwyfar, que manipula todos os personagens para conseguir impor, definitivamente, o cristianismo no país.

No *O Gamo-rei*, livro que evidenciamos grandes intrigas, conflitos e emoções, pois seus personagens, são influenciados inda mais, pelas mulheres detentoras de um rico e maquiavélico poder discursivo. É neste volume, que Artur e Gwenthwyfar descobrem a existência de Gwidion – filho de Morgana e Artur.

O Prisioneiro da Árvore é o último livro da saga, neste volume, nos deparamos com uma mistura colossal de amor e ódio e, conseqüentemente, ocorre o desfecho do enredo. Neste volume, Marion descreve o declínio de Artur, que foi originado e tramado por seu filho Gwidion.

Devido ao grande sucesso alcançado no romance *As Brumas de Avalon*, Marion resolveu escrever outros livros que se relacionavam com o romance de Avalon. Seu intuito era esclarecer questões que antecedem a criação das *As Brumas de Avalon* e, para isso, ela desenvolveu, com a ajuda de sua amiga Diana L. Paxson, o Ciclo de Avalon: A Queda de Atlântida (1987), A Casa da Floresta (1993), A Senhora de Avalon (1997), A Sacerdotisa de Avalon (2000), Os Ancestrais de Avalon (2004), Os Corvos de Avalon (2007), A Espada de Avalon (2009).

Vale ressaltar que, Marion deixou o livro *A sacerdotisa de Avalon*, inacabado, pois faleceu antes de sua conclusão, mas Diana deu seguimento a obra, publicando-a no ano seguinte a morte de Marion. As demais obras, posteriores ao falecimento de Marion, foram todas, produzidas e publicadas por Diana L. Paxson.

Ainda mais, para se ter um bom esclarecimento sobre *As Brumas de Avalon*, é importante que o leitor inicie, suas leituras, por todas as obras que foram escritas posteriormente, pois ambas, oferecem um posicionamento, que esclarecem algumas lacunas existentes no romance. Contudo, essas obras servem de apoio para leitura deste romance, que encantam e prendem o olhar de seus leitores, do início ao fim da obra.

Marion faleceu em 25 de setembro de 1999 na cidade de Berkeley, na Califórnia (CA), vítima de insuficiência cardíaca[†].

[†] Disponível em <https://www.valinor.com.br/forum/topico/marion-eleanor-zimmer-bradley.110389/>

3 MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO

A análise do discurso foi introduzida na perspectiva de estudo investigativo dos diversos enunciados produzidos no contexto social, tendo como foco principal o estudo do discurso como uma estrutura que visava analisar a sociedade fora do texto. Assim, a AD se apoiava no estruturalismo e na linguística, analisando os fatores sociais, históricos e ideológicos que estavam envolvidos na produção de qualquer discurso.

É de grande valia ressaltar que, a Análise do Discurso possuía visões diferenciadas de acordo com a ideologia de seus pensadores. Para Michel Pêcheux quanto Jean Dubois, apoiavam as suas ideologias na perspectiva estruturalista, assim como na linguística, e sob essa ótica, surge a linguística textual.

Por outro lado, para Michel Foucault, a AD não consiste em uma relação direta com a língua, mas como o sentido que determinado enunciado pode carregar de acordo com o contexto e o momento histórico em que foi produzido. De acordo com Maingueneau (2015),

A influência de A arqueologia do saber, de M. Foucault, sobre a análise do discurso francesa foi bastante mais indireta que a de J. Dubois ou a de M. Pêcheux, mas foi expressiva, se estes últimos pretendiam apoiar-se na linguística, o autor de A arqueologia do saber a recusava. O que ele chamava de “discurso” não tinha relação direta com o uso da língua. [...] Uma posição como esta é dificilmente compatível com os postulados de numerosos analistas do discurso, para que o vocabulário, a organização textual e as estratégias interacionais devem estar no coração da análise... (MAINGUENEAU, 2015, p. 19)

A análise do discurso é uma linha investigativa que nasce do fervilhamento de pesquisas, sendo vista como uma forma de estudar a relação de língua, sociedade e discurso. Iniciou-se em 1960 e teve seu desenrolar na França, tendo Michel Foucault, como um de seus principais estudiosos.

O discurso por sua vez, só acontece quando temos a materialidade linguística, sendo ela ligada a fatores sociais, filosóficos, históricos ou psicológicos, em que abrange três pilares do discurso: Ideológico, Psicológico e Linguístico, nos mais diversos contextos.

O discurso circula na sociedade abrangendo muitos enunciados, visto que esse discurso só se materializa, por aqueles que detém poder (conhecimento), uma vez que estão sempre em constantes situações comunicativas. De acordo com Revel (2005, p. 67) *“nunca tratado poder como uma entidade coerente, unitária e estável, mas de “relações de poder” que supõem condições históricas de emergência complexas e que implicam efeitos múltiplos.”*

Dar-se, ainda, o discurso como forma de impor a verdade aos que veem, uma vez que ele é um espaço reinante que leva em consideração o desejo e o poder envolvendo, assim, mecanismos externos, tais como: a-) a Interdição, aonde não é possível falar sobre tudo; b-) a

separação, quando há um enjuntamento de todo discurso que não condiz com o que é imposto;
 c-) Oposição entre verdadeiro ou falso, que é o discurso propriamente dito, onde a Ordem do olhar predomina, arguindo com o raciocínio de Foucault (1996) :

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e tenível materialidade. (FOUCAULT,1996, p. 8-9)

Com relação aos mecanismos de exclusão externos, temos na interdição algo que não se pode falar, que não se tem o direito de dizer, em nenhuma circunstância. Ela revela nitidamente a relação existente entre discurso e poder. Além disto, há a separação e/ou rejeição que é uma forma de oposição entre a razão e a loucura, onde não se leva em consideração um determinado discurso, e sendo assim, esse discurso fica impossibilitado de circular entre os outros discursos.

Já o terceiro mecanismo de exclusão externo é a oposição entre verdadeiro e falso, que se relaciona, primordialmente, com o que o discurso quer dizer, independentemente, de ser uma verdade absoluta ou fictícia, além do mais, pode conduzir como o saber é aplicado e valorizado em uma determinada sociedade. Em outras palavras, a oposição entre verdadeiro e falso é, na realidade, uma forma de vontade de verdade, na qual o mais importante são os interesses políticos, sociais e culturais de determinada sociedade.

Ora, eis que o um século mais tarde, a verdade a mais elevada já não residia mais no que era o discurso, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação e sua referência. (FOUCAULT, 1996, p. 15)

Além disto, existe o controle, a seleção, a organização e a redistribuição dos discursos, de modo que, estes se encontrem aptos para tomar seu poder e materialidade no meio ao qual estão inseridos. Nesta mesma linha de pensamento, Foucault (1996) argumenta que,

Existem, evidentemente, muitos outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso. Aqueles de que falei até agora se exercem de certo modo do exterior; funcionam como sistemas de exclusão; concernem, sem dúvida, à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo. (FOUCAULT,1996, p. 21)

Podemos observar pela linha argumentativa de Maingueneau (2015), que um texto é constituído por um discurso que sustenta os objetivos comunicacionais, envolvendo um contexto e, construído com base nas práticas sociais e atividades empíricas que envolvem o sujeito. Em outras palavras, os discursos são considerados individuais, uma vez que refletem a individualidade e a ideologia de seu falante, considerando-se primordialmente a intenção comunicativa de cada sujeito.

3.1 As Personagens: *As Brumas de Avalon*

Em *As Brumas de Avalon*, percebe-se nitidamente que a personagem Gwenhwyfar, foi moldada de acordo com os preceitos regidos através da concepção de ser humano existente na Idade Média. Além disso, pode-se afirmar que a personagem, de um modo geral, tende a ser vista como uma simulação do real, materializando-se como espelho do ser humano, presumindo imitação. Consoante a isto, Brait (1985) afirma:

A natureza moral da literatura produzida na Idade Média e o imperialismo dos princípios cristãos propiciam a identificação da personagem com fonte de aprimoramento moral. [...] O romance medieval, por sua vez, está profundamente ligado à historiografia, espelhando a vivência cortês e o idealismo guerreiro. Em função dessas narrativas e das constantes formulações acerca da moralidade da arte, a personagem conserva na Idade Média o caráter de força representativa, de modelo moralizante, servindo inteiramente aos ideais cristãos. (BRAIT, 1985, p. 36)

Partindo deste viés, tomamos a personagem como imitação do real, que vai desencadear modelos de atitudes éticas e morais que o ser humano deve seguir. Todavia, a personagem objeto de estudo deste trabalho, é um ser contraditório, ora preserva os bons costumes e a moralidade, sendo vista como exemplo a ser adotado, ora transgrede os limites impostos pela moral cristã.

Para Brait (1985, p.37) ainda afirma que “*a personagem dever ser a reprodução do melhor do ser humano*”, ou seja, mesmo, a personagem sendo construída levando em consideração a imitação do ser humano, ela, a personagem tem que ser “*um ente semelhante mas ainda melhor que seu modelo humano*”. Entretanto, Gwenhwyfar, foge a esta regra, uma vez que sua aproximação com mundo real, não tende a ser melhor do que qualquer ser humano.

Em suma, a personagem da Grande Rainha é um ser dotado de defeitos, que não deve ser imitada nem idolatrada, pois ela adota uma postura cruel e ríspida diante do povo pagão, não lhes resguardando a possibilidade de escolher, de livre vontade, a religião que querem seguir. Contudo, Gwenhwyfar, quer retirar dos pagãos, o direito de pensar e agir conforme sua doutrina religiosa.

Analisando, a Grande Rainha pelo viés literário, podemos afirmar que ela é uma personagem redonda, que sofreu alterações de comportamentos durante toda a obra. Sua evolução foi progressiva, uma vez que a partir de seus discursos, mudou todo o curso da vida de Artur e conseqüentemente do reino de Camelot.

- Estou com sede, novamente – disse a filha de Pellinore, Elaine. – Posso ir, minha senhora, pedir que tragam novos jarros d’água?
- Chame Cai, ele se encarregará disso – sugeriu Gwenhwyfar.

Ela mudou muito, pensou Morgana. De uma criança tímida e assustada, transformou-se numa rainha. (BRADLEY, 1989, p. 91)

No início da obra, a rainha era um ser tímido e cheio receios, tinha medo de tudo, até mesmo de um simples passeio pelo jardim. Depois de alguns meses casada com o rei Artur, Gwenhwyfar assume uma postura de mulher confiante, onde se apropria totalmente do poder discursivo para dar ordens a todos a sua volta. Durante todo seu discurso percebe-se a evolução progressiva de sua personagem.

Ainda conforme Brait (1985) as personagens consideradas planas têm a tendência de surpreender o leitor. Em *As Brumas de Avalon*, a personagem da Grande Rainha, surpreende, significativamente o leitor, pois suas atitudes de menina recatada e bondosa, transformam-se em atitudes de um ser humano desprezível e leviano.

Contudo, é necessário fazer uma observação bastante pertinente a respeito da personagem, onde “o conjunto dos traços que compõem a sua totalidade permite inúmeras leituras, dependendo da perspectiva assumida pelo receptor” (BRAIT, 1985, p. 67). Em outras palavras, a personagem vai assumir características, de acordo com o posicionamento do leitor, ou seja, de acordo com seus conhecimentos de mundo e de sua capacidade leitora.

4 GWENHWYFAR E SEUS DISCURSOS CONTROVERSOS

O texto de Marion Zimmer Bradley "*As Brumas de Avalon*" que, narra a lenda do Rei Artur, é composto por quatro volumes, mas, no entanto, para esta monografia de conclusão de curso, será analisada apenas o volume dois – A Grande Rainha, em específico o discurso da rainha Gwenhwyfar.

No livro um, intitulado por *As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia* (1989), relata a luta de nações por poder, enfatizando a inveja, religiosidade e egoísmo. Nessa obra, a personagem Viviane, a senhora do lago, apresenta-se sob uma ótica de poder manipulador. Além disto, podemos ressaltar que no volume citado anteriormente, a personagem Morgana – irmã de Artur e sacerdotisa de Avalon – também exerce um papel de fundamental importância na obra.

Por sua vez, o livro dois relata que, Artur - filho de Uther e Igraine- cresceu, tornou-se um jovem rapaz e, foi coroado rei de toda Bretanha. Ele vive combatendo os saxões, juntamente com seus cavaleiros, mas esse não é o principal conflito abordado nesta obra, sua trama se desenvolve a partir do embate existente entre Cristianismo e a velha religião de Avalon, o paganismo.

O rei Artur é jovem, mas decide casar-se para poder dar um herdeiro para seu trono, assim, ele vai procurar sua mãe para conversar e pedir sua opinião, todavia, Igraine não aceita à ideia de bom gosto. A conversa se estende, e Artur cogita um relacionamento com uma jovem princesa de um reino distante, onde seu pai ofereceu um elevado dote para o casamento com sua filha.

Gwenhwyfar, filha do rei Leodegranz, é dada ao Rei Artur, em casamento por causa de um grande dote (100 homens, todos armados e cada um com um bom cavalo) no entanto, a moça casa-se contra sua vontade, apenas para satisfazer o pai e obedecer aos velhos costumes impostos pelo cristianismo, onde as mulheres não tinham voz nem vez para tomar suas próprias decisões.

Ela desejara ser freira e permanecer no convento, aprender a ler e fazer belas letras com a pena e o pincel, mas isso não era para uma princesa. Tinha de obedecer ao pai como se fosse a vontade de Deus. As mulheres precisam ter um cuidado muito especial em fazer a vontade de Deus, porque foi através da mulher que a humanidade caiu no Pecado Original [...] Era o castigo da mulher por ser como Eva, pecadora, cheia de ódio e rebeldia contra a vontade de Deus. (BRADLEY, 1989, p. 47)

Naquela época, as mulheres eram submissas à vontade de seus pais, e posteriormente, a vontade de seus maridos. Com Gwenhwyfar não poderia ser diferente, pois aceitou

pacificamente, casar-se com o Rei Artur, sem conhecê-lo, mas sentindo que seu coração já batia mais forte por Lancelote. É notório que o cristianismo tinha um papel primordial no convencimento dessas mulheres, pois faziam-nas acreditar que eram más e pecadoras por causa do pecado cometido por Eva.

Em vários momentos da narrativa, a Grande Rainha tem discursos controversos a sua conduta cristã: ora é fiel, devota e crédula, incondicionalmente, ao cristianismo, tentando aceitar sua condição de mulher submissa com toda resignação; ora tem pensamentos profanos, que desvirtuavam sua conduta religiosa, fazendo com que o gosto pelo pecado, penetre tanto em seus pensamentos quanto em sua alma ou seu coração.

Entretanto, no decorrer de alguns anos casada com Artur, Gwenhwyfar, passou a ser uma mulher menos obediente as imposições feitas por seu marido, aprendeu como usar seu poder discursivo, fazendo com que Artur realize suas vontades. “- *Gwenhwyfar, ouça...- começou Artur, mas suspirou, derrotado, e ela sentiu que tinha vencido. – Seja como você quiser.*” (BRADLEY, 1989, p. 186) Em outras palavras, Gwenhwyfar usava seu poder discursivo para persuadir seu marido e alcançar tudo que deseja.

4.1 Discurso religioso

Percebe-se, na maioria da narrativa Bradley (1989), que a Grande Rainha tem um discurso religioso cristão, extremamente, fervoroso sendo este discurso o principal responsável pela sua fidelidade ao seu marido, rei e senhor. É notório, que a sua moral está inteiramente ligada à sua conduta religiosa, pois é a moral e os bons costumes que impedem que Gwenhwyfar traia seu marido e seus preceitos religiosos. Consoante ao pensamento de Revel (2005),

Foucault distingue claramente entre o que é preciso entender por “moral” [...] A moral é, um sentido amplo, um conjunto de valores e de regras de ação que são propostas aos indivíduos e aos grupos por meio de diferentes aparelhos descritivos (a família, as instituições educativas, as igrejas etc.); essa moral engendra uma “moralidade dos comportamentos”, isto é, uma variação individual mais ou menos consciente em relação ao sistema de prescrições do código moral. (REVEL, 2005, p. 45)

Em outras palavras, pode-se inferir que a moralidade permeia por vários discursos produzidos pela Rainha, uma vez que sempre a utiliza desta, para não cair nos braços de seu grande amor, Lancelote. “*Não, sou uma mulher casada, uma mulher cristã, é pecado até mesmo abrigar tais pensamentos. Terei que fazer penitência...*” (BRADLEY, 1989, p. 105)

Nessa perspectiva, deparamo-nos com uma moralidade voltada aos bons costumes promulgados pela religião cristã, onde Gwenhwyfar faz o possível para adotar em sua conduta

peçoal. Todavia, seus pensamentos libidinosos lhe desviam da conduta sagrada, fazendo emergir de seu Ser uma conduta altamente profana e desvirtuosa.

Vale ressaltar que a conduta cristã prioriza a normas morais e os bons costumes, privilegiando a justiça, a piedade e a fidelidade como essenciais a pessoa de bem. A fidelidade a essas leis morais, resultava em um comportamento humano altamente sagrado e responsável.

[...] nenhum deus, nenhum herói civilizador jamais revelou um ato profano. Tudo quanto os deuses ou os antepassados fizeram – portanto tudo o que os mitos contam a respeito de sua atividade criadora – pertence à esfera do sagrado e, por consequência, participa do Ser. Em contrapartida, o que os homens fazem por própria iniciativa, o que fazem sem modelo mítico, pertence a esfera do profano: é pois uma atividade vã e ilusória, enfim, irreal. Quanto mais o homem é religioso quanto mais dispõe de modelos exemplares para seus comportamentos e ações. Em outras palavras, quanto mais é religioso tanto mais se insere no real e menos se arrisca a perder se (sic) em ações não exemplares, “subjetivas” e, em resumo, aberrantes. (ELIADE, 1992, p. 51)

Em suma, pode-se concluir que, independente do indivíduo pertencer a religião cristã ou pagã, o importante é que esse indivíduo tenha um modelo que possa conduzir suas ações e direcioná-las a percorrer e trilhar os caminhos que a levarão à uma vida voltada para o que é considerado sagrado e respeitável.

Vale salientar que a Rainha, também, tenta instigar Artur e toda Bretanha a se converter ao cristianismo por meio de seu discurso dominante. Todavia, ela consegue influenciar o Rei Artur, fazendo com que ele quebre o juramento feito durante sua coroação, quando o mesmo prometeu que iria honrar e defender o povo de Avalon e, assim, o Grande Rei acabou traindo aquele povo pagão que tinha total confiança nas suas palavras.

As tribos haviam jurado seguir a bandeira do Pendragon, juraram isso na coroação dele, como haviam jurado na coroação de Uther, antes de Artur. E o povo pequeno da época anterior às tribos, também eles vieram com seus machados de bronze e suas flechas de sílex, suas machadinhas de pederneira – como o povo das fadas, eles não suportam o ferro frio. Todos, todos os que haviam jurado seguir o Grande Dragão. E Artur os traiu...Ele deixou de lado a bandeira do dragão, embora nós lhe implorássemos que permitisse a Lancelote ou a Gawaine levá-la em batalha. Ele, porém, jurou que só levaria a sua bandeirada cruz e da virgem ao campo de batalha de Monte Badon. (BRADLEY, 1989, p. 224)

Tomando como base o discurso como uma forma de ação, percebemos quão grande foi a influência de Gwenhwyfar sobre a decisão do Rei Artur em abandonar a bandeira do Pendragon e levar à frente de sua tropa uma bandeira cristã produzida pela sua rainha. Como o discurso age sobre o outro através de uma forma de poder persuasivo, onde identificamos também os atos da fala, percebemos também neste a ideologia de seu falante.

Considera-se que falar é uma forma de ação sobre o outro, e não apenas uma representação do mundo. Nesse ponto, a linguística retoma a tradição retórica, que constantemente acentuou os poderes da fala. A problemática dos “atos da linguagem” (também chamamos de “atos da fala” ou “atos do discurso”) [...]

demonstrou que toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, perguntar...) que visa modificar uma situação. (MAINGUENEAU, 2015, p.25)

Visando modificar a estrutura religiosa de seu reino, a Grande Rainha utiliza de todos os artifícios discursivos que estão ao seu alcance. A respeito das doutrinações, pode-se inferir que elas constituem um universo de uma sociedade de discurso, ao qual o número, a intensidade, sua finalidade e seu poder discursivo variam. No entanto, a finalidade, desse discurso de doutrinação, é ser propagado e absorvido por todos os sujeitos que estejam envolvidos no mesmo.

A doutrina, ao contrário, tende a difundir-se; e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca. Aparentemente a sua única condição é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra – mais ou menos flexíveis- de conformidade com os discursos validados. (FOUCAULT, 1996, p. 42)

Diante do exposto, percebe-se que o discurso de doutrina tanto pode ligar indivíduos, à medida que os interesses se ajustam, havendo aceitação, quanto pode separá-los quando se sobrepõem, havendo resistência. Inicialmente, o Rei Artur resistia aos discursos doutrinários de Gwenhwyfar, mas à medida que ela foi ganhando conhecimento, saber e, conseqüentemente, o poder, este mesmo discurso acaba ganhando a aceitação do soberano.

O poder soberano se constitui em impor uma vontade única para todos os sujeitos, para sua legitimação, funcionando como uma forma de sujeição sobre a grande massa social. Sob essa perspectiva, observa-se no texto de Bradley (1989) que a rainha tinha a objeção de usar o poder soberano de seu marido para subordinar os súditos às imposições do cristianismo, *“Quando eu tiver um filho de Artur – ele me disse certa vez que então poderia pedir-lhe qualquer coisa, aí, então, pedir-lhe-ei que proíba as fogueiras de Beltrane e das colheitas.”* (BRADLEY, 1989, p. 233)

Deve-se levar em consideração que os fatores afetivos e psicológicos tiveram grande influência sobre as decisões tomadas por Artur para satisfazer os caprichos de sua esposa. No entanto, pode-se inferir que a Grande Rainha tinha o poder de dizer tudo aquilo que funcionava como verdadeiro em sua doutrinação, para assim, argumentar e convencer seu marido.

Além disso, Gwenhwyfar acreditava que toda má sorte que acometia sua vida, era porque Artur usava a Bandeira do Pendragon (grande dragão) à frente de suas batalhas, como também, pelo fato Artur acreditar que a Deusa do Lago o protegia. Em outras palavras, o Rei ainda era fortemente influenciado pelo paganismo, e a Grande Rainha acredita que por isso, Deus os castigava e não lhes dava um filho para ser o herdeiro de toda aquela terra.

E procurando convencê-lo, Gwenhwyfar acrescentou: - Artur, ouça-me. Você não acredita que Deus nos pode estar castigando por achar que não somos dignos de dar a este reino um outro rei, a não ser que juremos servi-lo fielmente, não de maneira pagã, mas dentro dos novos preceitos, sob o Cristo? Todas as forças malignas do paganismo estão aliadas contra nós e devemos combater-las com a cruz. (BRADLEY, 1989, p. 233)

Durante todo o romance, Gwenhwyfar se lamenta pelo fato de não conseguir ter um filho para satisfazer tanto ao seu marido, quanto ao reino da Bretanha que ansiava pelo príncipe herdeiro. Em suma, ela se martirizava bastante por isso, ao passo de tentar colocar a culpa em tudo que podia, na tentativa de camuflar sua condição de mulher estéril.

4.2 Discurso no paganismo

Na antiguidade, o imaginário religioso estava voltado para a concepção da existência de uma deusa, a Grande Mãe, que cultuava o princípio feminino, apresentando a mulher com uma dualidade contraditória: a vida e a morte, o bem e o mal. Todavia, o homem associava a imagem da mulher ao benéfico e ao nefasto.

Mediante o contexto apresentado, observamos que apesar da mulher se conectar, tanto com a vida tanto com a morte, percebemos que a religião da deusa, proporcionava um conceito feminino exaltando a fertilidade, a fecundidade e a maternidade. Sendo assim, a mulher era fantasiada como um ser superior, dotado de virtudes.

Conforme aborda o mitólogo Joseph Campbell (1990, p. 175) “*Estamos falando da Mãe-Terra*”, assim, fazemos uma analogia entre a mulher e a terra, pois a maneira como terra que dá à luz e origina as plantas assemelha-se a procriação humana, onde a mulher é a responsável por esta procriação. Além disso, há a existência da alimentação em ambas.

Ainda sobre a deusa, Campbell (1990, p. 77) afirma que “*A deusa é a figura mítica dominante no mundo agrário da antiga Mesopotâmia, do Egito e dos primitivos sistemas de cultura do plantio*”. Sob essa perspectiva, podemos afirmar que, a deusa é uma figura originária da cultura egípcia, que se manifestou em outras culturas.

Em “*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*” a personificação da deusa é muito desvalorizada e blasfemada por Gwenhwyfar, pois esta tenta de todas as maneiras destruir o paganismo e incorporar o cristianismo, definitivamente, por toda Bretanha. Não contentando-se em influenciar apenas seu rei e senhor, a grande rainha, também, desejava que os outros reinos absorvessem a sua aversão ao paganismo, tal como citara em um determinado momento que “*Se eu fosse o rei Ban, fazia uma limpeza em todo esse lixo de feitiçaria do meu reino*” (BRADLEY, 1989, p. 107).

Mediante o contexto apresentado, podemos inferir que a partir do Cristianismo, o homem passou a impor suas vontades e desejos a mulher, que o universo feminino, antes dotado de magia e simbolismo, passa apenas a representar: submissão, medo e declínio. A partir de então, a mulher deixa-se reprimir pelo homem, tornando-se um ser passivo e deprimível, que apenas obedece aos comandos impostos pelo sexo oposto, sem contestar ou negar em nenhuma hipótese, transformando-se em vítima do poder masculino.

foi a mulher que não entendeu ou não quis entender, o discurso. Foi ela que acreditou que estava conectada ao Diabo, ao mal, ao sujo. E diante daqueles que se apoderavam de seus atributos, negou-se à luta e se atribuiu a incumbência de separar seus lados opostos. Não foi o homem que submeteu a mulher ao seu domínio, foi ela quem se deixou dominar, foi ela, estranho paradoxo, que se fez de sua própria essência. (BARROS, 1995, p. 64)

Ao rever Lancelote na corte de seu pai, o rei Leodegranz, Gwenhwyfar reconheceu o rapaz ao qual já havia tido contato tempos atrás, quando se perdera no lago, e imediatamente a moça tratou em encontrar estratégias para ficar próximo dele. A então princesa, vestiu sua melhor roupa, colocou seu anel de donzela e seguiu para o saguão do castelo para servir Leodegranz e Lancelote. É notório que a intenção de Gwenhwyfar é chamar a atenção do rapaz e ser reconhecida por ele.

Lá embaixo, os cavalos corriam, mas, entre eles, os olhos de Gwenhwyfar fixavam-se em um homem esguio, vestido de vermelho, cujo cabelo encaracolado ocultava a testa queimada de sol. Percebendo que ele era tão veloz quanto os próprios cavalos, a moça compreendeu porque os saxões o chamavam de "Flecha de duende". Alguém lhe contara que ele tinha sangue de fadas, Lancelote do Lago, era seu nome, e Gwenhwyfar já o tinha visto no lago mágico, no tenebroso dia em que se perdera, na companhia daquela horrível mulher-fada. (BRADLEY, 1989, p. 28)

No decorrer da obra, a autora enfatiza a beleza existente tanto na personagem Gwenhwyfar quanto em Lancelote. Provavelmente, essa beleza teria sido um fator primordial para o surgimento do encantamento e da paixão que circundava suas vidas e os deixavam atormentados, pois ambos concentravam um certo respeito ao rei Artur. Consoante, Barros (1995):

A beleza se configura como atributo do corpo e da alma. Tanto os corpos femininos quanto os masculinos podem ser contemplados por beleza. No caso das mulheres, a beleza desperta desejos e prazeres, que ficam circunscritos à satisfação física, na medida em que à mulher estão reservados somente a sensação e o despertar animalesco dos sentidos. [...] Em relação aos homens, o despertar da beleza também se caracteriza pelo intelecto, a beleza do corpo é apenas o veículo que permite a ascense, o exercício para que se vá mais além. (BARROS, 1995, p. 63)

A Deusa representava o poder da natureza, sendo contemplada como portadora da fecundidade e fertilidade, todavia a rainha Gwenhwyfar tinha uma exorbitante aversão a tudo que a Deusa representava, bem como ao culto pagão.

É notório que toda aversão que a Grande Rainha possui em relação a Deusa advém de seu desejo incontrolável de exercer a maternidade e não conseguir, uma vez que a Grande Mãe representa os seus desejos mais profundos. Arguindo com o pensamento de Ribeiro (2005),

O maior significado do seu culto centrava-se na harmonia com a Natureza [...] Para os homens de tal época, o mistério da origem humana ocultava-se na Natureza e no corpo da fêmea, uma vez que a Deusa segredava no ventre feminino o enigma da fecundação [...] as imagens arquetípicas do Feminino foram construídas a partir das formulações míticas sobre o poder da Deusa na fecundação, na gestação. (RIBEIRO, 2005, p. 104)

Diante do que foi exposto, podemos afirmar que a Deusa representava tudo que a rainha Gwenhwyfar ansiava em sua vida, pois como já é sabido por todos, ela deseja absurdamente, dar um filho para seu marido, o qual viria a ser o sucessor do trono e reinar por toda Bretanha, no entanto ficava extremamente frustrada e deprimida por não ter o privilégio da fertilidade. Na realidade seu maior estigma era não ser uma mulher abençoada pela Deusa.

Vale ressaltar que a Deusa possui duas faces: uma bondosa e virtuosa, e outra terrível “quando os castiga com as forças de seus elementos” (RIBEIRO, 2005, p. 105). Diante disso, podemos descrever Gwenhwyfar como o arquétipo da Deusa Terrível, que influencia a todos a sua volta, tentando de todas as formas massacrar o povo pagão, ou seja, podemos inferir que, devido ao seu estado de mulher estéril, ela transfere toda sua dor e mágoa para tentar destruir tanto a deusa quanto a religião de Avalon.

Imagens míticas da Deusa estão associadas à psicologia da mulher em diferentes fases de sua vida, da puberdade à velhice, que, por sua vez, representam os aspectos da natureza intrínseca do Feminino em seu caráter elementar e transformador positivo e negativo. Assim, gerar, proteger, abrigar, conservar, amamentar, cuidar, são funções elementares do materno e têm sentido positivo enquanto aprisionar tem sentido negativo. (RIBEIRO, 1995, p. 105)

No Cristianismo, percebemos que a imagem da Deusa, está presente na igreja católica, na versão de Nossa Senhora, a mãe do Cristo Salvador. Por outro lado, no mundo Contemporâneo, essa personificação da Deusa encontra-se presente não apenas na religião, mas também nas práticas culturais e literárias.

A linguagem literária, que apresenta uma visão de mundo em conformidade com o segmento sociocultural e com as motivações inconscientes que a ela se impõem [...] serve-se da imagem da Deusa para metaforizar sentimentos, comportamentos e fatos da vida e para representar a mulher sob padrões ideais [...] criando condições propícias para refletir sobre a subjetividade e o significado do Feminino no mundo. Logo, as Deusas são representadas na literatura e nas artes em geral com o significado arquetípico de beleza, grandeza e sabedoria. (RIBEIRO, 2005, p.109)

Para Ribeiro (2005, p. 110) a Deusa “surge nos comportamentos culturais, nas artes e na vida como energia da criatividade”, ou seja, apesar do cristianismo tentar apagar a

imagem da Deusa, a própria religião, através de seus costumes e imposições, reafirma a sua existência. Além disso, a forma com que a cultura contemporânea é propagada, reafirma em suas práticas sociais, o retorno da Deusa, uma vez que nem o tempo nem a história e, nem tampouco a religião consegue apagá-la.

4.3 Discurso no Cristianismo

Nos tempos mais remotos, as civilizações cultuavam o judaísmo, o qual era uma religião baseada nos ensinamentos do Velho Testamento e, que influenciava seus seguidores a serem pessoas justas, piedosas e fiéis as leis estabelecidas por Deus. Contudo, existia a Torá, que servia como auxílio para os ensinamentos divinos, sendo este, um livro que antecedia a Bíblia Sagrada.

A Torá composta pelos cinco primeiros livros do Antigo Testamento – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – representava a lei, estabelecida por Deus e trazida por Moisés para o povo eleito, os judeus. Como tal, qualquer fiel, estava sujeito a ela. A observância rigorosa da Lei transformava o homem uma pessoa de bem... (BARROS, 1995, p. 101)

Quando Jesus, o messias, nasceu, ele era oriundo de uma família judaica, sendo assim, seus discursos, a partir do momento em que começou suas pregações, eram voltados para transmitir e perpetuar o que dizia a palavra de Deus. Percebe-se que até então, o cristianismo não existia, pois este só veio aparecer depois que Jesus foi crucificado e morto, e consequentemente ressuscita.

Como o próprio nome já diz que cristianismo é uma doutrina religiosa, voltada para os ensinamentos que Jesus Cristo, o filho unigênito de Deus, deixou como herança para seus seguidores. Logo, esses ensinamentos são aceitos pela maior parte da população mundial, e estão presentes até os dias atuais.

Sua pregação incessante e sua maneira de ensinar, aliadas aos inúmeros milagres que praticava, inclusive ressuscitando pessoas, reuniram milhares de seguidores, que o reconheceram como alguém diferente. Entretanto, Jesus era judeu e seu interesse, assim como o dos outros mestres, eram os ensinamentos do Antigo Testamento. [...] a doutrina que Jesus pregava não era totalmente específica do cristianismo nascente. Havia pontos em comum e conclusões semelhantes entre o que ele pregava e o que pregavam os outros mestres. (BARROS, 1995, p. 101)

Vale ressaltar que o Cristianismo é uma religião monoteísta, que está subdividida em dois grupos distintos: catolicismo e protestantismo, no entanto, percebemos nitidamente a presença da deusa no segmento da igreja católica, sendo incorporada em suas tradições desde o surgimento em romana até os dias atuais. Essa concepção é descrita por Campbell (1990),

[...] A deusa foi uma figura poderosa da cultura helenística do Mediterrâneo, e retornou como a figura da Virgem, na tradição católica romana. Nenhuma tradição

da Deusa é celebrada mais esplêndida e maravilhosamente do que nos séculos XXI e XIII, nas catedrais francesas, todas as quais se chamam Notre-Dame. (CAMPBELL, 1990, p. 187)

Diante dessa concepção, podemos afirmar que, na realidade, o catolicismo, se apresenta com uma vertente politeísta, onde cultua várias divindades e não, exclusivamente, ao Deus todo poderoso, ao passo que exalta, a Virgem, Nossa Senhora, como mãe e rainha, apropria-se visivelmente da imagem da Deusa, da Grande-mãe, que era a divindade cultuada no paganismo.

Na obra analisada, salienta-se a consagração que a personagem Gwenhwyfar faz a Nossa Senhora, onde sua reverência a tal divindade é tão grande que, pede para seu marido e rei de toda Bretanha, abandonar a bandeira do dragão[‡] e levar a bandeira da virgem à frente de suas tropas.

Em outras palavras, como nos mostra Barros (1995), há no catolicismo uma inversão do profano em sagrado, onde a figura da deusa, que um dia foi considerada mundana e ímpia, passa a ser, pelo catolicismo sacralizada e venerada. Consoante a Barros (1995):

A idéia da mulher como possuidora do dom da profecia vigorou no paganismo, no judaísmo e no cristianismo dos primeiros tempos. [...] As mulheres, trazendo em sua essência a idéia (sic passim) de matriz, de ventre, estavam ligadas à terra e eram as eleitas para veicularem a mensagem divina, na medida em que a própria natureza as predispunha. (BARROS, 1995, p. 105-106)

Por essa linha de raciocínio, podemos salientar a correlação existente entre a Terra-Mãe, que na religião pagã significa a figura da deusa e se assemelha a procriação humana, e a criação do mundo por Deus, Jeová, onde Barros (1995) mostrou muito claramente:

[...] Jeová continua como responsável pela criação da Terra e do Céu, assim como pela criação do homem [...] Porém, é da Terra, de seu pó, que o primeiro homem é formado e será ela que o receberá, porque pó ele é. Terra fértil, Terra mãe, elemento passivo, feminino, que engendra o filho divino e o acolhe na morte. Eva, formadora de osso-pó, nada mais é do que filha dessa mesma Deusa [...] (BARROS, 1995, p. 60)

Podemos inferir que na religião Cristã a imagem da deusa está, predominantemente, presente até os dias atuais, ela é apenas apagada pela imagem do pai, que é o ser supremo do universo. Ainda mais, tendo Deus criado o primeiro homem a partir do barro, esse mesmo homem, conseqüentemente, acaba sendo filho da deusa, da Mãe-Terra, da mantenedora do universo.

Mesmo sendo extremamente cristã, Gwenhwyfar, em diversos momentos tem discursos altamente profanos, que de certa forma declaram sua verdadeira face. Muitas

[‡]Figura mitológica que representava o mal, pois no ideário medieval, o fogo que o dragão expelia, representava o fogo do inferno.

peessoas se vestem com máscaras que não tem nada a ver com o que está no interior de seu coração ou de sua mente. Por várias vezes, a moral e a reputação falaram mais alto e impediram Gwenhwyfar de trair Artur, no entanto seus pensamentos, escondiam os desejos mais profanos que um ser humano pode ter.

Ainda naquela noite, ficara sentada olhando para Lancelote [...] amava-o a muito, mas começava a perceber que o desejava [...] Gwenhwyfar queria ser boa, manter sua alma pura e virtude inata, mas queria que essa virtude fosse conhecida por todos, que pensassem nela como uma rainha boa e sem mácula. [...] E então ponderou como se uma chama a atravessasse o como fogo do inferno, a possibilidade de oferecer-se a Lancelote e ser repudiada por ele. Nesse caso certamente morreria de vergonha... (BRADLEY, 1989, p. 128 - 129)

Pelo viés teórico, sabemos que Michel Foucault aborda alguns mecanismos de exclusão externos e tomando como base o discurso citado acima, percebe-se que estes mecanismos estão presentes em todos os discursos profanados pela Rainha, uma vez que a mesma interdita seu próprio discurso, pois não é possível falar tudo que tem vontade, conforme postulava Foucault (1996),

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. [...]. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições o atingem e revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (FOUCAULT, 1996, p. 9-10)

Arguindo com Foucault (1996), percebemos que o jogo entre desejo e poder estão indissolúveis nos discursos profanados pela Grande Rainha, por um lado, ela deseja o amor de Lancelote e, por outro, deseja dar um filho a seu marido. E nessa disputa de desejos, seu poder discursivo se solidifica e se intensifica perante seu rei e senhor. Todavia, na tentativa de saciar sua vontade pela maternidade, Gwenhwyfar esquece de sua conduta cristã e vai pedir ajuda para Morgana, sua cunhada, e sacerdotisa de Avalon.

será verdade que você conhece ...todos os tipos de encantamentos e magias para a fertilidade? Eu... eu não posso suportar mais isso, que até os meninos da corte observem o que para ver se estou grávida, ou reparem como prendo meu sintô! Morgana, se você realmente conhece esses encantamentos, tal como dizem... Minha irmã, imploro-lhe, poderia usá-los para mim? (BRADLEY, 1989, p. 256)

Acrescenta-se ainda que uma pessoa realmente cristã, jamais poderia recorrer a esse tipo de encantamento e/ou magia para sanar seus desejos, no entanto, Gwenhwyfar, não hesitou em nenhum momento em pedir ajuda para Morgana, mas como poderia uma pessoa cristã, que queria converter a todos ao cristianismo, ter tal pensamento? Infelizmente, a Grande Rainha estava sentindo-se tão amaldiçoada que esta era a única solução que parecia pertinente naquele momento.

Muitos discursos da Grande Rainha ficavam camuflados em seus pensamentos, mas, no entanto, a medida que eles iam crescendo, ficava impossível controlá-los e deixá-los ocultos por muito tempo, assim, a Soberana da Bretanha deixava transpor sua verdadeira identidade, revelando a sua face mais cruel e sórdida.

- Não me agrada que nós e o povo de Avalon tenhamos que lutar ao mesmo lado. Essa batalha pertence aos homens civilizados, aos seguidores de Cristo, descendentes de Roma. O Povo Antigo é nosso inimigo, tanto quanto os saxões, e esta terra só será realmente cristã quando todo esse povo estiver morto, ou se tiver refugiado nas suas montanhas, e com eles os seus deuses demoníacos! E não me agrada, Artur, que você tenha como bandeira um símbolo pagão. Você deveria lutar, como Uriens, sobre a cruz de Cristo, a fim de que possamos separar os amigos dos inimigos. (BRADLEY, 1989, p. 182)

Ademais, podemos concluir que no discurso Gwenhwyfar, existe o mecanismo de exclusão interno “comentário”, que se materializa no pressuposto teórico de Foucault (1996, p. 25-26) *“O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado.”*

Dito isto, pode-se inferir que a Rainha apenas externa o que está internalizado em sua alma, revelando uma imagem não tão cristã quanto tenta demonstrar, ao passo que se deseja a morte de um povo, ela já está cometendo um pecado e violando os Mandamentos de Deus. Infelizmente, sua conduta cristã não passa de uma ficção de sua mente perversa. Em conformidade ao que foi dito, Foucault (1996) afirma:

exterioridade: não passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso, de sua apropriação e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, aquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras. (FOUCAULT, 1996, p. 53)

É certo que Gwenhwyfar primava que os desejos expressos através de seus discursos, fossem realizados, como de fato aconteceu: Artur trocou a bandeira do Pendragon, que era um símbolo pagão pela bandeira da Cruz cristã, como já foi mencionado anteriormente. Todavia, a Grande Rainha não obteve êxito em seu desejo de acabar com o paganismo, e conseqüentemente com o Povo Antigo como citado anteriormente.

Em suma, seus discursos profanos são carregados de mácula, crueldade, perversidade, egoísmo, imoralidade, indecência, enfim, uma verdadeira chuva de sinônimos negativos a postura cristã que ela tenta demonstrar no seu convívio social e familiar. Contudo, pode-se concluir que a verdadeira identidade de Gwenhwyfar é mais pagã do que a do povo, propriamente, dito pagão, sendo ela uma pessoa altamente hipócrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta Monografia de Conclusão de Curso, foi desenvolvida uma análise do poder discursivo, destacando o discurso de Gwenhwyfar, a Grande Rainha, em *“As Brumas de Avalon”*, vol.2, da autora norte-americana Marion Zimmer Bradley. O enfoque desta análise foi acerca do comportamento discursivo pronunciado, ou não, pela personagem corpus citada anteriormente.

Portanto, a pesquisa intitulada *Entre a imagem da Deusa e do Deus ver-se-á a ordem do discurso da Grande Rainha em As Brumas de Avalon* demonstrou que, dentre tantos discursos, há o discurso do cristianismo contra o paganismo e, a partir da personagem corpus deste trabalho, desencadeia o empoderamento do gênero feminino na obra.

A pertinência e a relevância desta pesquisa estão presentes em sua categoria temática, que evidencia os discursos religiosos e pagãos pertencentes a Grande Rainha. Gwenhwyfar usando de uma linguagem de poder, sedução e desejo feminino, acaba conquistando seu marido e parte daqueles que o seguem na Bretanha, fazendo-os renegar a religião pagã e, conseqüentemente, aceitando o cristianismo.

Dessa forma, é perceptível que o discurso e o poder caminham lado a lado e estabelecem uma relação intrínseca, uma vez que conseguem persuadir as pessoas. Ainda mais, podemos considerar que o desejo é a única forma de saciar o poder, uma vez que na análise discursiva abordada, a personagem Gwenhwyfar, consegue atingir seus objetivos, por intermédio de situações comunicativas altamente persuasivas.

Observamos que, no presente estudo, Bradley, aflora as discursões que envolvem o cristianismo e o paganismo, trazendo uma reflexão sobre a falsa moralidade existente na Idade Medieval e, por conseguinte, revelando o disfarce que a igreja católica utilizou para camuflar a sobrevivência da imagem da Deusa no arquétipo da Virgem. Para tanto, a autora utiliza de sua habilidade literária para, além de envolver o leitor de maneira profunda em sua obra, reafirmar seu posicionamento diante dos questionamentos abordados.

Por outro lado, percebemos a grande importância da narrativa, objeto de estudo, onde é evidente a valorização feminina, uma vez que as mulheres são as grandes heroínas deste romance maravilhoso e emocionante.

No discurso de Gwenhwyfar, o mecanismo de interdição se faz, constantemente presente, visto que muitas vezes seu discurso é silenciado, possuindo pensamentos pecaminosos sem haver exteriorização desses pensamentos, levando-se em consideração que

esses discursos não podem ser falados diante das circunstâncias e da situação que os abriga, havendo controvérsias em seu todo seu discurso no decorrer do relato do livro.

Cotejando aspectos teóricos de Foucault (1996), Revel (2005) e Maingueneau (2015) podemos confirmar que através do discurso, foi possível elevar o poder da figura feminina, que na época do medievo, era amplamente reprimido e silenciado.

Na Idade Medieval, havia uma anulação total dos direitos das mulheres, que se enraizavam e perpassavam as obras literárias no decorrer dos séculos, porém Bradley rompeu essas lacunas à medida que inseriu as vozes femininas em sua obra, dando-lhes papel de grande destaque. Vale salientar que, ainda percebemos em “*As Brumas de Avalon– A Grande Rainha*”, alguns resquícios do pensamento machista da época, considerando as mulheres como objetos particulares de seu pai, irmão ou marido.

Outro aspecto bastante relevante, é que apesar de Bradley não se considerar uma autora engajada na luta feminina, sua obra serve de inspiração e encorajamento para o movimento feminista, demonstrando que apesar da mulher ter seus direitos suprimidos em um determinado tempo da história, sua voz ecoa e pode transformar a identidade cultural, social e religiosa, desestruturando, dessa maneira, as tradições existentes.

Podemos observar, nesta pesquisa, que o cristianismo possuía bastante influência no papel de manter a figura feminina como submissa às imposições masculinas. Por outro lado, o paganismo possuía uma visão, totalmente, controversa, pois considerava a mulher como um ser dotado de virtudes, ressaltando, primordialmente, o dom da fertilidade. Em outras palavras, o cristianismo tinha uma vertente patriarcal e, conseqüentemente o paganismo tinha uma vertente matriarcal.

Podemos concluir que os objetivos propostos nesta monografia, foram alcançados à medida que conseguimos demonstrar de maneira clara e objetiva as faces religiosas e profanas do discurso da Grande Rainha, relacionando seu discurso a alguns mecanismos de exclusão externos e internos.

Portanto, observamos que, a obra de Bradley, buscou atingir um público leitor engajado nas lutas sociais voltadas para a questão feminina e religiosa, servindo de aparato e encorajamento na formação do cidadão enquanto ser social e histórico. Vale salientar que “*As Brumas de Avalon*” foi uma das obras mais lidas, devido a maestria com que Bradley abordou os problemas sociais e religiosos da Idade Medieval, servindo de incentivo para leitura de outras obras com a mesma temática.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *Entre a Deusa e o Deus*. In: **As Deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 2001, p.53-65.
- _____. *O cristianismo: a religião do filho*. In: **As Deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 2001, p.99-111.
- BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon** – V.2. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.
- _____. **O melhor de Marion Zimmer Bradley**. Trad. A.B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BRAIT, Beth. *A personagem e a tradição crítica*. In: **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985, p. 28-51. (Princípios)
- CAMPBELL, Joseph. *A dádiva da Deusa*. In: **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athenas, 1990, p. 175-194.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dragão*. In: **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p. 349-352.
- ELIADE, Mircea. *O tempo sagrado e os mitos*. In: **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 38-58.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- LEITURA VICIADA. Disponível em < <http://www.leitoraviciada.com/2011/07/serie-avalon.html>>. Acesso em: 28/04/18 às 09h40min.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Alguns elementos de história*. In: **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015, p.15-21.
- _____. *A noção de discurso*. In: **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015, p.23-33.
- _____. *Discurso, texto, corpus*. In: **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015, p.35-41.
- OCEANO DE LETRAS. Disponível em <<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2008/02/14/marion-zimmer-bradley-1930-1999/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017 às 20h25min.
- REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2005.
- RIBEIRO, Maria Goretti. *O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária*. **Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras**. João Pessoa, v.10, n.1, p.103-111, 2008.

VALINOR. Disponível em < <https://www.valinor.com.br/forum/topico/marion-eleanor-zimmer-bradley.110389/>>. Acesso em 13 de dezembro de 2017 às 20h52min.